

suaves e sacrossantas! Ampara-nos, Senhor, e não nos retires dos ombros a cruz luminosa e redentora, mas ajuda-nos a sentir, nos trabalhos de cada dia, a luz eterna e imensa do teu Reino de paz, de concórdia e de sabedoria, em nossa estrada de luta, de solidariedade e de esperança!..."

Em 8 de fevereiro último, véspera do término da recepeção d'êste livro, agradecia Emmanuel o concurso de seus companheiros encarnados, em comunicado familiar, do qual destacamos algumas frases:

— "Meus amigos, Deus vos auxilie e recompense. O nosso modesto trabalho está a terminar. Poucas páginas lhe restam e eu vos agradeço de coração.

Reencontrando os espíritos amigos das épocas mortas, sinto o coração satisfeito e confortado, em verificando a dedicação de todos ao firme pensamento de evolução, para a frente e para o alto, pois não é sem uma razão de ser que hoje laboramos na mesma oficina de esforço e boa vontade.

Jesús ha de recompensar a quota de esforço amigo e sincero que me prestastes e que a sua infinita misericórdia vos abençõe é a minha oração de sempre."

Aquí ficam algumas das anotações íntimas de Emmanuel, fornecidas na recepção d'êste livro. A humildade d'êsse generoso espírito vem demonstrar que no plano invisível ha também necessidade de esforço próprio, de paciência e de fé para as realizações.

As notas familiares do autor são um convite para que todos nós saibamos orar, trabalhar e esperar em Jesús Cristo, sem desfalecimentos na luta que a bondade divina oferece-nos para o nosso resgate, no caminho da redenção.

Pedro Leopoldo, 2 de março de 1939.

HA DOIS MIL ANOS...

PRIMEIRA PARTE

I

DOIS AMIGOS

Os últimos clarões da tarde haviam caído sobre o casario romano.

As aguas do Tibre, ladeando o Aventino, deixavam retratados os derradeiros reflexos do crepusculo, enquanto nas ruas estreitas passavam liteiras apressadas, suscitadas por escravos musculosos e lépidos.

Nuvens pesadas amontoavam-se na atmosfera, anunciando aguaceiros próximos e as ultimas janelas das residencias particulares e coletivas fechavam-se, com estrépito, ao sopro forte dos primeiros ventos da noite.

Entre as construções elegantes e sóbrias, que exibiam marmores preciosos, no sopé da colina, um edificio havia que reclamava a atenção do forasteiro pela singularidade das suas colunas severas e majestosas. Uma vista de olhos ao seu exterior indicava a posição do proprietario, dado o aspecto caprichoso e imponente.

Era, de fato, a residencia do senador Publio Lentulus Cornelius, homem ainda moço, que, á maneira da época, exercia no Senado funções legislativas e judiciais, de acôrdo com os direitos que lhe competiam, como descendente de antiga familia de senadores e consules da Republica.

O Imperio, fundado com Augusto, havia limitado os

poderes senatoriais, cujos detentores não exerciam nenhuma influência direta nos assuntos privativos do governo imperial, mas mantivera a hereditariedade dos títulos e dignidades das famílias patricias, estabelecendo as mais nítidas linhas de separação das classes, na hierarquia social.

São sete horas da noite de um dia de maio de 31 da nossa era. Públio Lentulus, em companhia do seu amigo Flaminio Severus, reclinado no triclinio, termina o jantar, enquanto Lúvia, a esposa, expede ordens domésticas a uma jovem escrava etrusca.

O anfitrião era um homem relativamente jovem, aparentando menos de trinta anos de idade, não obstante o seu perfil orgulhoso e austero, aliado á túnica de ampla barra purpúrea, que impunha certo respeito a quantos se lhe aproximavam, contrastando com o amigo que, revestindo a mesma indumentaria de senador, deixava entrever idade madura, iluminada de câs precoces, em penhor de bondade e experiencia da vida.

Deixando a jovem senhora entregue aos cuidados domésticos, ambos se dirigiram ao peristilo, por buscarem um pouco de oxigenio da noite cálida, embora o aspecto ameaçador do firmamento denunciasses chuva imminente.

— “A verdade, meu caro Publio — exclamava Flaminio, pensativo — é que te consomes a olhos vistos. Trata-se de uma situação que precisa modificar-se sem perda de tempo. Já recorreste a todos os facultativos no caso de tua filhinha?”

— “Infelizmente — retorquia o patricio com amargura — já lancei mão de todos os recursos ao nosso alcance. Ainda nestes ultimos dias, minha pobre Lúvia levou-a a distrair-se em nossa vivenda do Tibur, procurando um dos melhores médicos da cidade, que afirmou tratar-se de um caso sem solução na ciencia dos nossos dias. O facultativo não chegou a positivar o diagnóstico, certamente em razão da sua miseração pela doentinha e pelo nosso paternal desespero; mas, segundo nossas observações, acreditamos que o medico de Tibur presume tratar-se de um caso de lepra.

— Semelhante presunção é atrevida e absurda!

— Entretanto, se podemos estabelecer uma dúvida com relação aos nossos antepassados, sabes que Roma está cheia de escravos de todas as regiões do mundo e são eles o instrumento de nossos trabalhos de cada dia.

— E’ verdade... — concordou Flaminio com amargura.

Um laivo de perspectivas sombrias transparecia na frente dos dois amigos, enquanto as primeiras gotas de chuva satisfaziam a sede das roseiras floridas, que enfeitavam as colunas graciosas e claras.

— E o pequeno Plinio? — perguntou Publio, como desejoso de proporcionar novo rumo á conversação.

— Esse, como sabes, continúa sadío, demonstrando ótimas disposições. Calpurnia atrapalha-se, a cada momento, para satisfazer-lhe os caprichos dos doze anos incompletos. Às vezes, é voluntarioso e rebelde, contrariando as observações do velho Parménides, só se entregando aos exercícos da ginástica quando muito bem lhe aprez; no entanto, tem grande predileção pelos cavalos. Imagina que, num momento de irreflexão propria da idade, burlando toda a vigilancia do irmão, concorreu a uma tirada de bigas realizada nos treinos comuns de um estabelecimento esportivo do Campo de Marte, obtendo um dos lugares de maior destaque. Quando contemplo meus dois filhos, lembro-me sempre da tua pequena Flavia Lentulia, porque bem sabes dos meus propósitos para o futuro, no sentido de estreitar os antigos laços que prendem as nossas familias.

Publio ouvia o amigo, calado, como se a inveja lhe espicacasse o coração carinhoso de pai.

— Todavia — revidou — apesar de nossos projectos, os áugures não favorecem nossas esperanças, porque a verdade é que a minha pobre filha, com todos os nossos cuidados, parece mais uma dessas infelizes criaturas atiradas ao Velabro.

— Contudo, confiemos na magnanimidade dos deuses...

— Dos deuses? — repetiu Publio com mal disfarçado desalento. A proposito dêsse recurso imponderavel,

tenho escogitado mil teorias no cerebro fervilhante. Ha tempos, em visita á tua casa, tive ocasião de conhecer mais intimamente o teu velho liberto grego. Parménides falou-me da sua mocidade e permanencia na India, dando-me conta das crengas hindús, com as suas cousas misteriosas da alma. Acreditas que cada um de nós possa regressar, depois da morte, ao teatro da vida, em outros corpos?

— De modo algum — replicou Flaminio energicamente — Parménides, não obstante o seu carater precioso, leva muito longe as suas divagações espirituais.

— Entretanto, meu amigo, começo a pensar que êle tem razão. Como poderíamos explicar a diversidade da sorte neste mundo? Por que a opulencia dos nossos bairros aristocráticos e as miserias do Esquilino? A fé no poder dos deuses não consegue elucidar esses problemas torturantes. Vendo minha desventurada filhinha com a carne dilacerada e apodrecida, sinto que o teu escravo está com a verdade. Que teria feito a pequena Flávia, nos seus sete anos incompletos, para merecer tão horrendo castigo das potencias celestiais? Que alegria poderiam encontrar as nossas divindades nos soluços de uma criança e nas lágrimas dolorosas que nos calcinam o coração? Não será mais comprehensivel e aceitavel que tenhamos vindo de longe com as nossas dividas para com os poderes do Céu?

Flaminio Severus meneou a cabeça, como quem de-seja afastar uma dúvida, mas, retomando o seu aspécto habitual, obtemperou com firmeza:

— Fazes mal em alimentar semelhantes conjeturas no teu fóro íntimo. Nos meus quarenta e cinco anos de existencia não conheço crengas mais preciosas do que as nossas, no culto veneravel dos antepassados. E' preciso considerares que a diversidade das posições sociais é um problema oriundo da nossa arregimentação politica, a unica que estabeleceu uma divisão nitida entre os valores e os esforços de cada um, em face da miseria espiritual dos outros povos; quanto á questão dos sofrimentos, convem lembrar que os deuses podem experi-

mentar nossas virtudes morais, com as maiores ameaças á enfiatura do nosso ânimo, sem que necessitemos adotar os absurdos principios dos egipcios e dos gregos, principios, aliás, que já os reduziram ao aniquilamento e ao cativo. Já ofereceste algum saêificio no templo, depois de tão angustiosas dúvidas?

— Tenho sacrificado aos deuses, segundo os nossos habitos, — respondeu Publio compungidamente — e ninguém mais que eu se orgulha das gloriosas virtudes de nossas tradições familiares. Entretanto, minhas observações não surgem tão somente a proposito da filhinha. Ha muitos dias, ando torturado com o espantoso enigma de um sonho.

— Um sonho? Como pode a fantasia modificar, dêsse modo, o valor de um patricio?

Publio Lentulus recebeu a pergunta mergulhado em profundas cismas. Seus olhos parados presumiam devorar uma paisagem que o tempo distanciara no transcurso dos anos.

A chuva, agora, em bategas pesadas, caía continuamente, fazendo os mais fortes transbordamentos do implúvio e representando-se na piscina que enfeitava o pátio do peristilo.

Os dois amigos haviam-se recolhido a um largo banco de marmore, reclinando-se nos estofos orientais que o forravam, prosseguindo na palestra amistosa.

— Sonhos ha, — prosseguiu Publio — que se distinguem da fantasia, tal a sua expressão de realidade irretorquível.

Voltava eu de uma reunião no Senado, onde havíamos discutido um problema de profunda delicadeza moral, quando me sentí presa de inexplicavel abatimento.

Recolhi-me cedo e, quando parecia divisar, junto de mim a imagem de Témis, que guardamos no altar doméstico, considerando as singulares obrigações de quem exerce as funções da justiça sentí que uma força extraordinaria selava-me as palpebras cansadas e doloridas. No entanto, via outros lugares, reconhecendo pai-

sagens familiares ao meu espirito, das quais me havia esquecido inteiramente.

Realidade ou sonho, não o sei dizer, mas vi-me revestido das insignias de consul, ao tempo da Republica. Parecia-me haver retrocedido á epoca de Lucio Sergius Catilina, pois via-o ao meu lado, bem como a Cicero, que se me figuravam duas personificações, do mal e do bem. Sentia-me ligado ao primeiro através de laços fortes e indestrutíveis, como se estivesse vivendo a epoca tenebrosa da sua conspiração contra o Senado e participando, com êle, da trama ignominiosa que visava a mais íntima organização da Republica. Prestigiava-lhe as intenções criminosas, aderindo a todos os seus projectos com a minha autoridade administrativa, assumindo a direcção de reuniões secretas, onde decretei assassínatos nefandos... Num relâmpago, reviví toda a tragédia, sentindo que minhas mãos estavam nodoadas do sangue e das lágrimas dos inocentes. Contemplei, atemorizado, como se estivesse regressando involuntariamente a um pretérito obscuro e doloroso, a rede de infamias perpetradas com a revolução em boa hora esmagada pela influencia de Cicero, e o detalhe mais terrível é que eu havia assumido um dos papéis mais importantes e salientes na ignominia... Todos os quadros hediondos do tempo passaram, então, á frente dos meus olhos espantados e ensandecidos...

Todavia, o que mais me humilhava nessas visões do passado culposo, como se a minha personalidade actual se envergonhasse de semelhantes reminiscencias, é que me prevalecia da autoridade e do poder para, aproveitando a situação, exercer as mais acerbias vinganças contra inimigos pessoais, contra quem expedia ordens de prisão, sob as acusações mais terríveis. E, ao meu coração desalmado não bastava o recolhimento dos inimigos aos calabouços inféctos, com a consequente separação dos aféto mais caros e mais doces, da familia. Ordenei a execução de muitos na escuridão da noite, acrescentando a circumstancia de que a muitos adversarios politicos mandei arrancar os olhos, na minha presença, contemplando-lhes os tormentos com a frieza brutal das

vinditas cruéis!... Ai de mim, que espalhava a desolação e a desventura em tantas almas, porque um dia, os oprimidos se lembraram de eliminar o verdugo cruel!

Depois de toda a série de escandalos que me afastaram do Consulado, sentí o término dos meus átos infames e misérrimos, frente á turba inconciente e furiosa, que me condenou ao terrível suplício do estrangulamento, experimentando, então, todos os tormentos e as angústias da morte...

O mais interessante, porém, é que reví o inenarrável instante da minha passagem pelas aguas escuras do Aqueronte, quando me parecia haver descido aos lugares sombrios do Averno, onde não penetram as clariidades dos deuses. A grande multidão de vítimas acceou-se, então, de minha alma angustiada e sofredora, reclamando justiça e reparação e rebentando em clamores e soluços que me percutiam no recôndito do coração.

Por quanto tempo estive, assim, prisioneiro dêsse martirio indefinível? Não sei dizê-lo. Apenas me recordo haver lobrigado a figura celeste de Livia, que, no seio dêsse turbilhão de pavores, estendia-me as mãos fúlgidas e carinhosas.

Figurava-se que minha espôsa era-me familiar de épocas remotissimas porque não hesitei um instante em lhe tomar as mãos suaves, que me conduziram a um tribunal onde se alinhavam figuras estranhas e venerandas. Cãs respeitaveis aureolavam o semblante sereno dêsses juizes do céu, emissarios dos deuses para o julgamento dos homens da terra. A atmosfera caracterizava-se por uma estranha leveza, cheia de luzes cariciosas que iluminavam, perante todos os presentes, os meus pensamentos mais secretos.

Livia devia ser o meu anjo-tutelar nesse conselho de magistrados intangiveis, porque a sua dextra pairava sobre a minha cabeça, como a impôr-me resignação e serenidade, afim de ouvir as sentenças supremas.

Desnecessario será dizer-te do meu espanto e do meu receio, diante dêsse tribunal que eu desconhecia,

quando a figura daquele que me pareceu a sua autoridade central dirigiu-me a palavra, exclamando:

— Publio Lentulus, a justiça dos deuses, na sua misericórdia, determina a tua volta ao turbilhão das lutas do mundo, para que laves as nódoas de tuas culpas nos prantos remissores. Viverás numa época de maravilhosos fulgores espirituais, lutando com todas as provações e dificuldades, não obstante o berço de ouro que te receberá ao renasceres, afim-de que edifiques a tua consciencia denegrida nas dores que purificam e regeneram!... Feliz de ti se bem souberes aproveitar a oportunidade bendita da reabilitação pela renúncia e pela humildade... Hemos determinado que serás poderoso e rico, para que o teu desprendimento dos caminhos humanos seja mais valioso para os teus mentores espirituais, no instante preciso. Terás a intelligencia e a saúde, a fortuna e a autoridade, como ensanchas á regeneração integral de tua alma, porque chegará um momento em que serás compelido a desprezar todas as riquezas e todos os valores sociais, se bem souberes preparar o coração para a nova senda de amor e humildade, de tolerancia e perdão, que será rasgada, em breves anos, á face escura da Terra!... A vida é um jogo de circunstancias que todo o espirito deve entrosar para o bem, no mecanismo do seu destino. Aproveita, pois, essas possibilidades que a misericórdia dos deuses colloca ao serviço da tua redenção. Não desprezes o chamamento da verdade, quando soar a hora do testemunho e das renúncias santificadoras... Livia seguirá contigo pela via dolorosa do aperfeiçoamento, e nela encontrarás o braço amigo e protetor para os dias de provações ríspidas e acerbias. O essencial é a tua firmeza de ânimo no caminho escabroso, purificando a tua fé e as tuas obras, na reparação do passado delituoso e obscuro!...

Á essa altura, a voz altiva do patricio ia-se tornando angustiada e dolorosa. Amargas comoções íntimas representavam-se-lhe no coração, atormentado por incoercível desalento.

Flaminio Severus ouvia-o com interêsse e atenção, rebuscando o meio mais facil de lhe desvanecer impres-

sões tão penosas. Sentia ímpetos de desviar-lhe o curso dos pensamentos, arrancando-lhe o espirito daquele mundo de emoções impropriadas da sua formação intellectual, apelando para a sua educação e para o seu orgulho; mas, ao mesmo tempo, não conseguia sopitar as proprias dúvidas íntimas, em face daquele sonho cuja nitidez e aspécto de realidade o deixavam aturdido. Compreendia que era necessario restabelecer o seu proprio ânimo fraterno, entendendo que a lógica da brandura deveria ser o escudo de suas palavras, para esclarecimento do amigo que elle mais considerava um irmão.

Foi assim que, pousando a mão esguia e branca nos seus ombros, perguntou com amavel doçura:

— E depois, que mais viste?

Publio Lentulus, sentindo-se compreendido, recobrou energias novas e continuou:

— Depois das exortações daquele juiz severo e venerando, não mais lobrei o vulto de Livia a meu lado, mas, outras criaturas graciosas, envolvidas em péplums que me pareciam de neve translúcida, confortando-me o coração com os seus sorrisos acolhedores e bondosos.

Atendendo-lhes ao apêlo carinhoso, senti que meu espirito regressava á Terra.

Observei Roma, que já não era bem a cidade do meu tempo; um sôpro de beleza estava reconstituindo a sua parte antiga, porque notei a existencia de novos circos, teatros suntuosos, térmias elegantes e palacios encantadores, que meus olhos não haviam conhecido antes.

Tive ocasião de ver meu pai entre os seus papiros e pergaminhos, estudando os processos do Senado, tal qual se verifica hoje conosco e, depois de implorar a benção dos deuses, no altar domestico de nossa casa, experimentei uma sensação de angústia no recesso de minha alma. Pareceu-me haver sofrido dolorosa comoção cerebral e fiquei adormentado numa vertigem indefinivel...

Não sei descrever literalmente o que se passou, mas despertei com febre alta, como se aquella digressão do

pensamento pelos mundos de Morfeu me houvesse trazido ao corpo dolorosa sensação de cansaço.

Ignoro o teu julgamento, em face desta confiança amargurada e penosa, mas desejaria me explicasses algo a respeito.

— Explicar-te? — obtemperou Flaminio tentando imprimir á voz uma tonalidade de convicção energica. Bem sabes do respeito que me inspiram os áugures do tempo, mas, afinal, o que te ocorreu não pode passar, simplesmente, de um sonho e não ignoras como devemos temer a fantasia dentro de nossas perspectivas de homens praticos. Por sonharem excessivamente os atenienses illustres, transformaram-se em escravos misérrimos, constituindo uma obrigação de nossa parte o reconhecimento da bondade dos deuses que nos concederam o senso da realidade, necessario ás nossas conquistas e triunfos. Seria lícito renunciasses ao amor de ti mesmo e á posição de tua familia, tão somente levado pela fantasia?

Publio deixou que o amigo discorresse abundantemente sobre o assunto, recebendo-lhe as exortações e conselhos, mas, depois, tomando-lhe as mãos generosas, exclamou angustiado:

— Meu amigo, eu seria indigno da magnanimidade dos deuses se me deixasse conduzir ao sabor dos acontecimentos. Um simples sonho não me daria margem a tão dolorosas conjecturas, mas a verdade é que ainda te não disse tudo.

Flaminio Severus franziu o sobrolho, rematando:

— Ainda não disseste tudo? Que significam estas afirmativas?

No seu íntimo generoso, uma dúvida angustiosa fôra já implantada com a descrição detalhada daquele sonho impressionante e doloroso, e era com largo esforço que o seu coração fraternal trabalhava por ocultar ao amigo as penosas emoções que intimamente o atormentavam.

Publio, mudo, tomou-lhe do braço, conduzindo-o ás galerias do tablinio localizado a um canto do peristilo,

nas proximidades do altar doméstico, onde oficiavam os afetos mais puros e mais santos da familia.

Os dois amigos penetraram o escritório e a sala do arquivo com profundo sinal de respeitoso recolhimento.

A um canto, dispunham-se em ordem numerosos pergaminhos e papiros, enquanto que, nas galerias avultavam retratos de cêra, de antepassados e avoengos da familia.

Publio Lentulus tinha os olhos humidos e voz trémula, como se profundas emoções o dominassem naquelas circunstancias. Aproximando-se de uma imagem de cêra, entre as muitas que aí se enfileiravam, chamou a atenção de Flaminio com uma simples palavra:

— Reconheces?

— Sim, — respondeu-lhe o amigo estremeecendo — reconheço esta efígie. Trata-se de Publio Lentulus Sura, teu bisavô paterno, estrangulado ha quasi um século, na revolução de Catilina.

— Faz precisamente noventa e quatro anos que o pai de meu avô foi eliminado nessas tremendas circunstancias — exclamou Publio com ênfase, como quem está de posse de toda a verdade. Repara bem os traços desta figura para verificares a semelhança perfeita que existe entre mim e esse longinquo antepassado. Não estaria aqui a chave do meu sonho doloroso?

O nobre patricio observou a notavel identidade de traços fisionómicos daquela efígie morta com o semblante do amigo presente. Suas vacilações atingiam o auge, em face daquelas demonstrações alucinantes. Ia elucidar o assunto, encarecendo a questão da linhagem e da hereditariedade, mas o interlocutor, como se adivinhasse os minimos detalhes de suas dúvidas, antecipou o julgamento, exclamando:

— Eu tambem participei de todas as hesitações que ferem o teu raciocinio, lutando contra a razão, antes de aceitar a tése de nossas conversações desta noite. A semelhança pela imagem, ainda a mais extrema, é natural e é possível; isso, porém, não me satisfaz plenamente. Expedi, nestes ultimos dias, um dos servos de nossa casa, á Taormina, em cujas adjacencias possuímos uma antiga

habitação, onde se guardava o arquivo do extinto, que fiz transportar para aqui.

E num movimento de quem estava certo de todos os seus conceitos, revirava nas mãos nervosas varios documentos, exclamando:

— Repara estes papiros! São notas de meu bisavô, acerca dos seus projéto no Consulado. Encontrei neste acervo de pergaminhos diversas minutas de sentenças de morte, as quais já havia observado nas minhas digressões do sonho inexplicavel... Confronta estas letras! Não se parecem com as minhas? Que desejaríamos mais, além destas provas caligráficas? Ha muitos dias, vivo este obscuro dilema no íntimo do coração... Serei eu Publio Lentulus Sura, reencarnado?

Flaminio Severus deixou pender a fronte, com indizível inquietação e indizível amargura.

Numerosas haviam sido as provas da lucidez e da lógica do amigo. Tudo conspirava para que o seu castelo de explicações desmoronasse, fragorosamente, diante dos fatos consumados, mas procuraria novas fôrças, afim-de salvaguardar o patrimonio das crenças e tradições dos seus maiores, tentando esclarecer o espirito do compa-nheiro de tantos anos.

— Meu amigo, — murmurou, abraçando-o — concordo contigo, em face destes acontecimentos alucinantes. O fato é dos que empolgam o espirito mais frio, mas não podemos arriscar nossas responsabilidades no rumo incerto das primeiras impressões. Se êle nos parece a realidade, existem as realidades imediatas e positivas, aguardando o nosso concurso ativo. Considerando as tuas ponderações e acreditando mesmo na veracidade do fenómeno, não acredito devamos mergulhar o raciocinio nestes assuntos misteriosos e transcendentes. Sou avêso a essas perquirições, certamente em virtude das minhas experiencias da vida prática. Concordando, de modo geral, com o teu ponto de vista, recomendo-te não estendê-lo além do círculo de nossa intimidade fraternal, mesmo porque, não obstante a propriedade de conceitos com que me dás testemunho da

tua lucidez, sinto-te cansado e abatido nesse torvelinho de trabalhos do ambiente doméstico e social.

Fez uma pausa nas suas observações comovidas, como quem raciocinasse procurando um recurso eficaz para remediar a situação, e exclamou com dogura:

— Poderias descansar um pouco na Asia Menor, levando a familia para essa estação de repouso.

Existem alí regiões de clima adoravel, que operariam, talvez, a cura de tua filhinha, restabelecendo simultaneamente as tuas fôrças organicas. Quem sabe? Esquecerias o tumulto da cidade, regressando mais tarde ao nosso meio, com energias novas. O atual Proconsul da Judéia é nosso amigo. Poderíamos harmonizar varios problemas do nosso interêsse e de nossas funções, porquanto não me será difficil obter do Imperador uma dispensa dos teus trabalhos no Senado, de modo a continuares recebendo os subsidios do Estado enquanto permaneceres na Judéia. Que julgas a respeito? Poderias partir tranquillo, pois eu tomaria a meu cargo a direção de todos os teus negocios em Roma, zelando pelos teus interesses e pelas tuas propriedades.

Publio deixou transparecer no olhar uma chama de esperança e como quem estivesse examinando, intimamente, todas as razões favoraveis ou contrárias á execução do projéto, ponderou:

— A idéia é providencial e generosa, mas a saúde de Livia não me autoriza a tomar uma resolução pronta e definitiva.

— Por que?"

— Esperamos, para breve o segundo rebento do nosso lar.

— E quando esperas êsse advento?

— Dentro de seis meses.

— Interessa-te a viagem depois do inverno próximo?

— Sim.

— Pois bem: estarás, então, na Asia Menor, precisamente daqui a um ano.

Os dois amigos reconheceram que a palestra havia sido longa.

Cessára o aguaceiro. O firmamento esplendia de constelações lavadas e límpidas.

Iniciara-se já o tráfego das carroças barulhentas, gritos pouco amáveis dos seus condutores, porque na Roma imperial as horas do dia eram reservadas, de modo absoluto, ao tráfego dos palanquins patricios e ao movimento dos pedestres.

Flaminio despediu-se comovidamente do amigo, retomando a liteira suntuosa, com o auxílio dos seus escravos decididos e hereuleos.

Publio Lentulus tão logo se viu só, encaminhou-se ao terraço onde corriam céleres as brisas da noite alta.

A' claridade do luar opulento, contemplou o casario romano espalhado pelas colinas sagradas da cidade gloriosa. Espraçou os olhos na paisagem noturna, considerando os problemas profundos da vida e da alma, deixando pender a fronte, entristecido. Incoercível tristeza dominava-lhe o coração voluntarioso e sensível, enquanto uma onda de amor proprio e de orgulho lhe sopitava as lágrimas íntimas, do coração atormentado por angustiosos e doloridos pensamentos.

II

UM ESCRAVO

Desde os primeiros tempos do Imperio, a mulher romana havia-se entregado á dissipação e ao luxo excessivo, em detrimento das obrigações santificadoras do lar e da família.

A facilidade na aquisição de escravos empregados nos serviços mais grosseiros como nos mais elevados mistérios de ordem domestica, inclusive os da propria educação e instrução, havia determinado grande queda moral no equilibrio das famílias patricias, porquanto, a disseminação dos artigos de luxo vindos do Oriente, aliada á ociosidade, amolecera as fibras de energia e de traba-

lho das matronas romanas, encaminhando-as para as frivolidades da indumenta, para as intrigas amorosas, a preludiar a mais completa desorganização da família no esquecimento de suas tradições mais apreciáveis.

Contudo, algumas casas haviam resistido heroicamente a essa invasão de forças perversoras e criminosas.

Mulheres havia, no tempo, que se orgulhavam do padrão das antigas virtudes familiares, de quantas as haviam antecedido no labor construtivo das gerações de tantas almas sensíveis e nobres.

As espôsas de Publio e Flaminio eram desse número. Criaturas inteligentes e valorosas, ambas fugiam da onda corrutôra da época, representando dois símbolos de bom-senso e simplicidade.

As últimas expressões do inverno já haviam desaparecido, no ano de 32, entornando pela terra, quente e alegre, uma taça imensa de perfumes e de flores.

Num dia claro e ensolarado, vamos encontrar Lúvia e Calpurnia, na residência da primeira, em amavel palestra, enquanto dois rapazelhos desenhavam, distraidamente, a um canto da sala.

As duas senhoras organizam aprestos de viagem, corrigindo defeitos de algumas peças de lã e trocando impressões íntimas, á meia voz, em tom amigo e discreto.

Em dado momento, os dois meninos alcançam um dos quartos contíguos, enquanto Lúvia chama a atenção da amiga, nestes termos:

— Os teus pequenos não têm hoje os exercícios habituais?

— Não, minha boa Lúvia, — respondeu Calpurnia com delicadeza fraternal, adivinhando-lhe as intenções — não só Plínio, mas também Agripa consagraram o dia de hoje á doentinha. Adivinho as tuas vacilações e escrúpulos maternos, considerando a boa saúde dos nossos filhinhos; mas, os teus receios são infundados...

— Sabem os deuses, todavia, como tenho vivido nestes ultimos tempos, desde que ouvi a opinião franca e sincera do médico de Tibur. Bem sabes que para elle o caso de minha filha é mal doloroso e sem cura. Desde então, toda a minha vida tem sido uma série de